



GÊNERO E ENSINO DE HISTÓRIA: REFLEXÕES SOBRE PRÁTICAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA NO PIBID/HISTÓRIA (UFRGS)

Andressa da Silva Borba^{1*}
Bibiana Harrote Pereira da Silva²
Júlia de Souza Tedesco³
...
Natalia Pietra Mendez⁴

Eixo temático:

4. Práticas pedagógicas de Iniciação à Docência nos Anos Finais e Ensino Médio

Resumo expandido:

O objetivo do trabalho que aqui apresentamos é relatar e discutir as práticas de iniciação à docência desenvolvidas na Oficina de Gênero, atividade realizada através do Subprojeto de História do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) na Escola Estadual Coronel Afonso Emílio Massot. Esta oficina, elaborada e desenvolvida durante o ano letivo de 2017, realizada junto a turmas do terceiro ano do Ensino Médio, têm como foco pensar as relações entre o ensino de história e estudos de gênero e feministas, como sexualidades, feminilidades, masculinidades, machismo e lgbtfobia, por exemplo. As perguntas que orientam a oficina são: em que medida podemos, através da história ensinada, problematizar gênero e relacionar com o cotidiano destes alunos e alunas do Ensino Médio? Quais os impactos de discutir e historicizar gênero e sexualidade em sala de aula? Quais conhecimentos históricos e de gênero são elaborados durante as oficinas, nos diálogos entre professoras e alunos e alunas? Quanto à metodologia de ensino, consiste em: rodas de conversa, recursos audiovisuais, produção de fanzines e elaboração de redações para concretizar a troca fluida de experiências entre alunas, alunos e professoras e professor. Neste trabalho, pretendemos apresentar reflexões decorrentes de nossas observações em sala de aula e também oriundas dos registros de atividades realizadas. Igualmente, consideramos importante discutir nossa experiência de

¹ UFRGS, História, CAPES, andressasborba@hotmail.com

² UFRGS, História, CAPES, bibiana.h@hotmail.com

³ UFRGS, História, CAPES, juuh.tedesco@gmail.com

⁴ Prof^a. Dr^a. Dpto de História, PPGH e ProfHistória, UFRGS, npietramendez@gmail.com



iniciação à docência em história trabalhando com um tema socialmente vivo que suscita polêmicas.

A Oficina de Gênero foi pensada como uma proposta pedagógica de inserção das temáticas de Gênero e Sexualidade nas escolas, já prevista na lei número 1.859, de 2015. A Lei de Diretrizes e Bases (LDB) que estabelece e regulamenta o ensino brasileiro, tem como princípios fundamentais da educação a liberdade de ensinar e aprender, assim como também o pluralismo de ideias e concepções pedagógicas. Nestes pressupostos que a Oficina se respalda, pois, dessa forma é possível promover debates enriquecedores que exercitam a cidadania em sala de aula.

Além disso, baseamo-nos também em referenciais teórico-metodológicos, que são dos campos dos Estudos de Gênero, História e Educação, tendo como inspirações principais Joan Scott, Guacira Lopes Louro e Tania Navarro Swain. Dessa maneira, compreendemos gênero, sexo e sexualidade como constructos sociais, considerando gênero e sexo como “[...] uma forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 86). De acordo com Swain (2000), gênero é uma noção elaborada pela teoria feminista e diz respeito à divisão sexuada do mundo, é, portanto, uma categoria de análise que se refere à construção social dos papéis naturalizados pela matriz genital/biológica. Ainda, de acordo com essa autora, “[...]a articulação das significações no sex/gender system, a constelação de representações que atribui sentido às práticas sociais define a procriação como eixo de relação entre os sexos: matriz universalizante rege as práticas sexuais em torno das noções de 'normalidade', da 'natureza'.” (SWAIN, 2000, p.50).

Ademais, concebemos o espaço escolar, primordialmente a partir de Louro, considerando a instituição escolar como ambiente de disputas e tensionamentos entre discursos libertários e conservadores. Entretanto, apesar de tendencialmente ser uma instituição de produção e reprodução da ordem social vigente e das relações de poder que a formam, não necessariamente reproduz sujeitos de acordo com tal ordem, pois é um espaço no qual a complexidade se faz presente, e os sujeitos (auto)forjados na resistência também surgem.

Assim, acreditamos que a importância de falarmos abertamente dessa temática nas salas de aula é nítida à medida que esta representa o pleno exercício da cidadania para o reconhecimento da igualdade entre as pessoas, e que historicizar e problematizar gênero e sexualidade, é potente para a corrosão das violências e desigualdades baseadas nesses



marcadores sociais. Portanto, essa oficina tem como objetivo questionar, desconstruir e desnaturalizar o machismo e a lgbtphobia existentes e estruturantes em e de nossa sociedade, o que passa necessariamente, como já citado, por historicizar essas relações.

Trata-se de um tema sensível uma vez que faz emergir, no contexto da sala de aula, visões e estereótipos que os alunos e as alunas já tem formado sobre relações de gênero e sexualidade. Uma aula de história que tenha como objetivo historicizar o corpo, o gênero e a sexualidade levanta polêmicas, ao se deparar, muitas vezes, com percepções que afirmam o caráter natural e imutável destas relações. Dessa forma, a construção da oficina passa por repensar também a educação, desnaturalizar a farda autoritária do/da educador/educadora ao passo que enxergamos alunos e alunas como agentes na produção do conhecimento, e percebemos o fazer educacional nesse processo de troca a partir de relatos, questionamentos e construções de narrativas.

Quanto aos resultados parciais dessa atividade, eles se tornam perceptíveis através de diálogos entre professoras e alunos/as que surgem durante as aulas, e também poderá ser apreendido através do desfecho obtido ao final do ano letivo, com a produção e correção de avaliações específicas sobre os temas abordados na oficina. Portanto, até o momento, foi perceptível a necessidade dos adolescentes em debater questões de gênero por esta temática permear às suas realidades dentro do ambiente escolar assim como suas trajetórias como sujeitos contemplando o seu momento de vida: adolescentes na faixa de 16 a 19 anos de idade. Constatamos que a maioria daquelas e daqueles a quem o debate parece mais importante, são justamente a quem os marcadores sociais de gênero e sexualidade geram desigualdades e violência, ou seja, às garotas, aos garotos que não performam uma masculinidade hegemônica e pessoas lgbt's. Ademais, percebemos que a perspectiva histórica contribui para a desnaturalização de estereótipos de gênero.

Referências:

BRASIL. Lei nº 1859, de 10 de junho de 2015.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília : MEC, 1996.

LOURO, G. *Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 2007. 9ª ed



NAVARRO SWAIN, Tania. A invenção do corpo feminino ou “A hora e a vez do nomadismo identitário?”. *Textos de História*, vol. 8, n° 1/2, 2000.

SCOTT, Joan Wallach. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, n° 2, jul./dez. 1995, p. 71-99.

Palavras-chave: Gênero. Sexualidade. Ensino de História. Iniciação à Docência.